

HQ/LIVROS ARTIGO



Peripécias e desventuras de um acervo de HQs

Peripécias e desventuras de um acervo de HQs

WALDOMIRO VERGUEIRO

30.06.2000

00H00

ATUALIZADA EM

05.11.2016

20H04

saved from url=(0022)http://internet.e-mail

A pesquisa sobre histórias em quadrinhos nas universidades brasileiras nem sempre foi uma atividade vista com bons olhos pela inteligência acadêmica. De certa forma, os intelectuais universitários sempre olharam de forma um pouco atravessada para aqueles professores e pesquisadores que, em seu meio, ousavam dirigir a atenção para um material, em sua opinião, tão sem importância; algo que podia ser encontrado em qualquer esquina e estava nas mãos de qualquer criança; algo com tiragem de milhões de exemplares, em papel jornal dos mais vagabundos, sem qualquer intuito de ser mantido para a posteridade; algo, enfim, que qualquer pessoa sem muita bagagem cultural conseguia entender perfeitamente; mas que a eles, os intelectuais acadêmicos, em sua grande maioria, deixava embasbacados. Em geral, não sabiam como se comportar diante do fenômeno. Assim, não surpreendentemente, transformaram a incompreensão em desprezo. E continuaram a ser felizes.

UM PAÍS COM RICO PASSADO QUADRINHÍSTICO

Paradoxalmente, o país sempre teve uma predileção especial por esse meio de comunicação de massa. Foi aqui, em 1951, que um grupo de idealistas montou a primeira exposição dedicada aos quadrinhos do mundo. Entre seus organizadores, destacou-se o jovem **Álvaro de Moya**, mais tarde um dos mais conceituados estudiosos do assunto, com reconhecimento internacional. Foi aqui também, mais precisamente na Universidade de Brasília, durante a década de 70, que a primeira disciplina regular exclusiva sobre histórias em quadrinhos foi ministrada em um curso de graduação, pelo professor **Francisco Araújo**. E foi neste país que se deu a mais ambiciosa iniciativa de ensino universitário relacionada à área, um **Curso de Especialização de Histórias em Quadrinhos**, realizado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Organizada pelo Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos dessa escola, a experiência infelizmente foi bastante breve devido a problemas infra-estruturais, o curso sendo ministrado apenas de

Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR



a chamada nona arte. O nome do italo-brasileiro **Ângelo Agostini** é muitas vezes lembrado como antecessor da linguagem dos quadrinhos, surgindo quase três décadas antes que os norte-americanos pintassem de amarelo a camisola de um garoto orelhudo, celebrizado com o nome de Yellow Kid. Na imprensa regular, revistas como **O Tico-Tico** e **Gibi** preencheram a infância e adolescência de várias gerações de brasileiros, apenas para mencionar dois títulos mais conhecidos. Na cena alternativa, por sua vez, milhares de fanzines são publicados e veiculados a todo instante em universidades, colégios ou entre grupos comunitários específicos, demonstrando como a linguagem das histórias em quadrinhos atrai e prende a atenção dos jovens.

GIBI NA FACULDADE

Mesmo assim, os fatos acima citados não parecem ter sido suficientes para permitir que as histórias em quadrinhos participassem regularmente do ambiente universitário brasileiro. Embora atividades isoladas de estudo e ensino tenham se tornado cada vez mais frequentes, existem ainda motivos para preocupação quanto à inserção desse meio de comunicação de massa nas universidades brasileiras. Iniciativas institucionais que busquem criar uma estrutura de apoio à pesquisa e ao ensino na área, enquanto atividades regulares do fazer universitário, são quase inexistentes no país. Nesse sentido, a **ECA-USP**, ainda que de forma imperfeita, representou sempre uma grande exceção no panorama brasileiro. Nessa instituição, atividades regulares de pesquisa e ensino sobre histórias em quadrinhos, tanto na graduação como na pós-graduação, vêm ocorrendo desde a década de 70, quando a professora **Sonia Bibe Luyten** iniciou um trabalho sistemático no tema, depois continuado por outros professores. A ECA-USP é também a única instituição universitária brasileira a ter desenvolvido um acervo especializado de histórias em quadrinhos, buscando coletar e manter os documentos mais significativos para atender às necessidades de pesquisa e ensino na área, bem como preservar a memória da HQ nacional. Infelizmente, esse objetivo tem se mostrado muito mais difícil de ser atingido do que imaginavam os idealizadores do acervo.

A CRIAÇÃO DO ACERVO

O acervo de histórias em quadrinhos da ECA-USP existe desde a década de 70, quando foi constituído pela profa. Sonia Bibe Luuten logo que iniciou seu trabalho na área. Chamava-se, então, Museu de Histórias em

Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a **Política de Privacidade** bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR

peripécias e desventuras a que se refere o título deste artigo.

Devido, em grande parte, à crônica falta de funcionários que assola as universidades brasileiras, o acervo acabou sempre recebendo insuficiente atenção no novo espaço. No entanto, as dificuldades não se resumiram apenas à falta de pessoal. Em muitas oportunidades, a falta de vontade política dos responsáveis pela área de documentação da ECA-USP em relação aos quadrinhos foi um fator muito mais decisivo no destino dado ao acervo. Assim, desde a época em que foi transferido para a biblioteca, durante a maior parte do tempo ele teve seu acesso vetado aos pesquisadores externos, justificando-se sempre essa restrição pela falta de funcionários para atendimento.

Embora o acervo possa ser utilizado por não alunos da escola, essa prática foi sempre bastante dificultada, não se disponibilizando o material para empréstimo, devido a suas características de fragilidade e raridade e devendo esse uso ser acompanhado de perto por um funcionário. Devido à biblioteca só oferecer um pequeno horário semanal para consulta, o número delas tem sido sempre muito pequeno. Nesse sentido, ele é sub-explorado, atendendo basicamente apenas aos pesquisadores da ECA-USP. Saliente-se, no entanto, que não se trata de uma gibiteca, propriamente dita, onde os interessados vão buscar material para leitura e entretenimento, mas de um acervo voltado exclusivamente para a pesquisa relacionada com histórias em quadrinhos. Nele, pretende-se ter tudo o que de mais significativo é publicado no país e amostras representativas de publicações estrangeiras, de forma a se permitir o aprofundamento científico que só se pode obter no âmbito da universidade. Assim, a conservação e preservação do acervo, bem como sua sistemática expansão, é um fator indissolúvel de sua própria existência.

JOGADO DE UM LADO PARA O OUTRO

De 1984 até o presente momento, nos anos todos em que esteve nas mãos dos bibliotecários, o acervo de revistas de histórias em quadrinhos foi também objeto de muitas mudanças de acomodação física, sendo praticamente jogado pelos bibliotecários de um lado para outro, o que ocasionou diversas baixas no acervo. Muita coisa se perdeu com essas mudanças e com a desatenção crônica daqueles que tinham por obrigação zelar pela integridade do material, que continha edições de grande raridade e muitos originais de artistas brasileiros (sabe-se lá onde estão agora...). Hoje não se tem mais uma idéia precisa do volume de publicações que ele comporta. Deve ter entre 10 e 15 mil exemplares, a maior porcentagem concentrada em publicações da década de 50 e 60. Entre elas, dezenas de títulos das editoras Continental, Taika, La Selva, GEP, entre

Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR

preocupou em obter uma verba regular para ampliação e desenvolvimento do acervo, este sobrevive de doações, que normalmente ocorrem de forma assistemática e aleatória. O Núcleo de Pesquisa de Histórias em Quadrinhos tenta obter doações das editoras, mas elas não ocorrem de forma regular. Assim, embora o material acumulado seja valioso e imprescindível para pesquisa na área, é fácil constatar a existência de falhas muito grandes em termos de publicações das décadas de 80 e 90, que precisariam ser supridas por doações de pessoas físicas.

O ÚLTIMO GOLPE

No final de 1998, com a reforma do espaço físico da biblioteca, feita com financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), todos os acervos especializados por ela mantidos foram reacomodados. Os quadrinhos receberam uma sala de tamanho apropriado para suas atuais dimensões, com boas condições de meio ambiente. Por insistência minha, na qualidade de coordenador do Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos – depois, literalmente, de meses de solicitação –, o acesso ao acervo pelo público externo também passou a ser facilitado: a direção da biblioteca aquiesceu em disponibilizar um funcionário por duas horas, uma vez por semana (às sextas-feiras) para atendimento ao público externo. A permanência no novo espaço, no entanto, duraria pouco. Em julho de 1999, dizendo-se previda por necessidades de acomodação do acervo, a direção da biblioteca decidiu requisitar a sala dos quadrinhos para outras finalidades, destinando-lhes uma sala menor, onde não existe espaço para consulta e na qual o crescimento do acervo fica comprometido. Como sempre, essa decisão foi tomada sem grandes preocupações em informar os pesquisadores da escola ou perguntar sua opinião a respeito. A epopéia dos quadrinhos na ECA-USP tinha prosseguimento.

Em fevereiro de 2000, o acervo foi retirado do local em que estava para recuperação do piso que havia cedido, sendo colocado provisoriamente em outro espaço. Ao visitá-lo, eu percebi que a diferença entre o volume dos quadrinhos e o das publicações que haviam sido colocadas na sala a eles originalmente destinada não era tão grande, contrariamente ao que me havia informado a diretora da biblioteca por ocasião da mudança. Entendi, assim, que seria possível o retorno à sala original. Após entendimentos verbais com a diretora, enviei uma solicitação escrita à comissão de biblioteca, requisitando a mudança. Infelizmente, por motivos burocráticos - o presidente da comissão estava "em férias" nesse período... –, não recebi qualquer tipo de resposta. E os quadrinhos voltaram a ser colocados na sala menor; inadequada e possibilitando escassa possibilidade de crescimento para o material.

Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR

responsáveis pela biblioteca mantiveram-se firmes na afirmação de que os quadrinhos estão bem acomodados na sala minúscula que lhes destinaram, afirmando que seus esforços em benefício do acervo não são devidamente compreendidos pelo coordenador do Núcleo de Pesquisas. Sentem-se injustiçados, até. De fato, afirmam eles, depois de quase dezessete anos em que estiveram sob sua guarda, os bibliotecários, num gesto inigualável de magnanimidade, finalmente providenciaram a desinfecção geral dos quadrinhos, trocaram as pastas que os acomodavam e os colocaram em uma estante deslizante. Além disso, uma bibliotecária passou a dedicar algumas horas de sua semana de trabalho à verificação sistemática desses materiais, um aluno de graduação fez a catalogação de uma série de charges e cartuns, recortados de diversos jornais, e até mesmo um funcionário foi destacado para trabalhar quase que em tempo integral com o acervo (antes do conflito, a possibilidade de destacar um funcionário para atender os quadrinhos havia sido sempre negada, devido à pouca disponibilidade de pessoal). Considerando tudo isso, os pesquisadores de quadrinhos, em vez de estarem reclamando, deveriam estar mesmo é agradecidos aos bibliotecários pelo privilégio que estes lhes concedem...

A ironia das reticências que encerram o parágrafo acima busca descrever a visão dos atuais responsáveis pela manutenção do acervo de quadrinhos da ECA-USP. Para eles, pelo menos em tese, quaisquer atividades direcionadas às histórias em quadrinhos são suficientes para as necessidades desse tipo de material, não importando que sejam pouco mais que migalhas quando comparadas à atenção que recebem outras áreas da biblioteca. Veja-se, por exemplo, que o acervo de discos e partituras musicais, bem como o de fitas de vídeo, todos contam há anos com mais de um profissional integralmente dedicado à sua manutenção e atendimento dos interessados, durante pelo menos dois períodos do dia.

Além disso, a diretoria da biblioteca destacou um funcionário apenas para elaborar um boletim de sumários de periódicos de comunicação e outro de biblioteconomia e persiste com essa atividade ainda que avaliações realizadas junto aos usuários, através da realização de grupos de foco, tenham colocado alguma dúvida sobre a eficácia desses instrumentos de divulgação. Assim, parece evidente que as dificuldades para tratamento sistemático das histórias em quadrinhos em bibliotecas especializadas jamais irão se resumir apenas à falta de pessoal. Pelo contrário, estarão sempre ligadas a questões políticas mais amplas, ao estabelecimento de prioridades da administração dos serviços. E deve-se reconhecer que um acervo de histórias em quadrinhos não é – e provavelmente jamais será, seja na ECA ou em qualquer outra instituição universitária brasileira –, prioridade para bibliotecários que têm muito pouca sensibilidade ao meio e menos ainda compreendem de sua especificidade. Pode-se dizer que, para eles, por uma questão de vaidade, dedicar o melhor de seus esforços a causas que consideram mais importantes – ou que, em sua opinião, possam impressionar mais a comunidade universitária –, estará sempre à frente de qualquer iniciativa direcionada para os quadrinhos.

Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR

Em última instância, as vicissitudes do acervo da ECA-USP são sintomáticas do conceito que infelizmente ainda grassa nos meios universitários em relação às histórias em quadrinhos. Afinal, os bibliotecários não estão sozinhos na tomada de decisão, um grupo de professores da escola compõe a comissão de biblioteca e teoricamente deveria zelar para que todas as áreas de interesse do corpo docente e discente fossem igualmente beneficiadas pelos serviços de apoio. Os docentes, no entanto, às vezes até por uma questão de excesso de responsabilidades, afastam-se de uma posição crítica e preferem dirigir a sua concordância às decisões burocráticas lavradas pela administração do serviço de biblioteca, desconhecendo a falácia que muitas vezes pode se esconder por trás de razões técnicas nunca suficientemente esclarecidas. E isto acontece na Universidade de São Paulo, uma instituição que sempre se orgulhou da posição de vanguarda assumida por seus professores em relação aos fenômenos sociais do mundo contemporâneo. Talvez seja este um triste sinal dos tempos e da decadência daquela que já foi considerada a mais importante universidade da América Latina.

Mas sejamos realistas: no fundo, a questão não se resume apenas a um ou dois metros quadrados a mais para acomodação de uma coleção de revistas de histórias em quadrinhos no espaço de uma biblioteca universitária. Sabe-se que este espaço adicional não resolveria o problema de um acervo de pesquisa nos moldes como o originalmente pretendido pela profa. Sonia Bibe Luyten, quando o idealizou nos anos 70. O espaço físico é apenas simbólico do conceito que, ainda hoje, fim do século 20, predomina no ambiente universitário brasileiro. O protesto contra a mudança representou um ato de repúdio a uma visão paternalista e deliberadamente condescendente para com um meio de comunicação de massa legítimo e que afeta milhões de pessoas no mundo inteiro, algo que apenas se ampliou com o advento da comunicação eletrônica (qualquer busca sob o cabeçalho comics feita na internet recupera milhares de páginas sobre eles, em todos os idiomas possíveis). Procurou, muito mais ainda, demonstrar que as histórias em quadrinhos merecem estar presentes no ambiente universitário, embora a universidade às vezes relute em aceitar que necessita delas. E, por fim, buscou obter para as histórias em quadrinhos o mesmo rigor científico que os cânones universitários dedicaram a outros meios de comunicação de massa, como o cinema, a televisão ou o rádio. Sem dúvida, uma longa luta. Talvez, inglória.

UMA LUTA QUE NÃO TERMINOU

Embora correndo o risco de parecer catastrófico, é possível afirmar, sem qualquer hesitação, que a batalha pelo acervo de histórias em quadrinhos da ECA-USP representa a luta pela completa inserção e permanência dos quadrinhos nas universidades brasileiras. E não apenas isso: pode representar também a multiplicação de acervos especializados voltados para a pesquisa na área em diversas outras instituições universitárias do país, possibilitando o resgate da memória quadrinhística e a preservação de obras fadadas ao desanarcimento. Neste sentido, é vital definir perspectivas para a ampliação não só do acervo de que trata

Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR

eventuais arbitrariedades que cometam contra os quadrinhos, bem como exigir o retorno imediato do acervo à sala onde antes estava acomodado, minorando ao menos as dificuldades atuais. Nos episódios que recentemente envolveram as histórias em quadrinhos na ECA-USP, a internet revelou-se um conveniente instrumento para pressão, algo que pode continuar a ser explorado. Nesse sentido, o envio de e-mails para a diretoria da escola mostrou sua eficácia como demonstração efetiva do descontentamento público com as medidas que afetam os quadrinhos: em abril de 2000, o diretor da escola nomeou uma comissão de professores para estudar de forma mais objetiva a alocação de espaço para os quadrinhos na biblioteca da ECA-USP e apresentar uma proposta de solução para o impasse existente. A pressão, entretanto, pode também ir além, ou seja, caminhar no sentido de propor às autoridades maiores da Universidade de São Paulo que retirem o acervo da égide da biblioteca da ECA-USP e o coloquem sob a proteção de algum órgão que tenha condições efetivas e vontade política para dar a ele a dignidade que merece enquanto depositário de um dos meios de comunicação de massa mais característicos deste século. E pode incluir, também, a busca de apoio junto à iniciativa privada – editoras de histórias em quadrinhos, empresas, fundações culturais e organizações não-governamentais em geral –, para a formação de uma instituição com características individualizadas na estrutura universitária, uma fundação ou museu, que possibilite atingir status e atuação semelhantes aos de instituições similares na França (Centre National de la Bande Dessinée), Bélgica (Centre Belge de la Bande Dessinée), Dinamarca (Tegneseriemuseet i Danmark), Itália (Centro Nazionale del Fumetto), Inglaterra (Centre for the Study of Cartoons and Caricature), Estados Unidos (International Museum of Cartoon Art), Portugal (Fundação Bedeteca de Lisboa) e outros.

Independente de qualquer análise de viabilidade das alternativas e da elaboração de uma estratégia que permita atingi-las a curto, médio ou longo prazo, fica evidente a necessidade de garantir que o acervo de quadrinhos da ECA-USP continue a se ampliar mesmo com as limitações de espaço que lhe foram impostas na escola. Assim, é imprescindível iniciar um trabalho de obtenção de novos materiais para completar as falhas existentes e exercer uma pressão constante para que os mesmos sejam incorporados ao acervo. Nesta iniciativa, será de capital importância voltar para a ampliação do acervo a mesma indignação que recentemente gerou o envio de mais de três centenas de e-mails para o diretor e o vice-diretor da escola, em protesto contra as atitudes tomadas em relação às histórias em quadrinhos. Cada entusiasta do meio poderá verificar, em seu acervo pessoal, as revistas que considera importantes para a pesquisa na área e quais pode dispor em benefício da coletividade de pesquisadores, encaminhando-as diretamente à diretoria do Serviço de Biblioteca e Documentação ou ao coordenador do Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos da ECA-USP (Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, Butantã, São Paulo, SP, 05508-900). Além disso, cada um poderá também auxiliar ainda mais, divulgando essa campanha de doações da forma mais ampla possível, de maneira a transformá-la em uma verdadeira cruzada nacional pela ampliação da presença das histórias em quadrinhos não apenas na Universidade de São Paulo, mas em todas as universidades e escolas brasileiras. Os quadrinhos, com certeza, merecem esse esforço.

Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a [Política de Privacidade](#) bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR



Você pode gostar

Links promovidos portaboola

A Guerra do Amanhã: Sequência exploraria origem de aliens, diz diretor



EMPRESAS DA OMELETE COMPANY:

FILMES

- OSCAR
- BILHETERIAS USA
- BILHETERIAS BRASIL
- ESTREIAS DA SEMANA
- CRÍTICAS
- NOTÍCIAS

SÉRIES E TV

- EMMY
- CALENDÁRIO DE ESTREIAS
- CALENDÁRIO 2018
- CRÍTICAS
- NOTÍCIAS

HQS E LIVROS

- SAN DIEGO COMIC CON
- CRÍTICAS
- NOTÍCIAS

MÚSICA

- CRÍTICAS
- NOTÍCIAS



Ao continuar navegando, declaro que estou ciente e concordo com a Política de Privacidade bem como manifesto o consentimento quanto ao fornecimento e tratamento dos dados para as finalidades ali constantes.

ACEITAR